

ESPORTES

correio braziliense.com.br/esportes - Subeditor: Marcos Paulo Lima E-mail: esportes.df@dabr.com.br Telefone: (61) 3214-1176

Sócrates ou Neymar?

O prefeito de Saint-Ouen, base do Time Brasil nos Jogos de Paris-2024, criticou o apoio de Neymar ao ex-presidente Jair Bolsonaro, ontem, na inauguração da Rua Doutor Sócrates. "Precisamos fazer escolhas. Ou é Sócrates ou é Neymar. Ou é democracia ou é a ditadura. Amor ou ódio", disse Karim Bouamrane em referência ao craque-ativista Sócrates (1954-2011).

Instagram/Reprodução



60 ANOS DO GOLPE MILITAR

Memórias de quando a ditadura usou o futebol como propaganda e perseguiu jogadores: a catarse da recepção ao Brasil na capital na conquista do tri, em 1970; histórias da prisão de Nando; e as perseguições a Reinaldo e Alfonsinho

As travas da botina

EVANDRO ÉBOLI
MARCOS PAULO LIMA

A reflexão é do escritor uruguaio Eduardo Galeano (1940-2015): "Futebol e pátria estão sempre unidos: e com frequência os políticos e ditadores especulam com esses vínculos de identidade". Foi assim nos países vizinhos da América do Sul. Por que seria diferente no Brasil, a partir de 31 de março de 1964. O golpe militar completa, hoje, 60 anos, com memórias traumáticas da exploração do esporte mais popular do país pela ditadura até a libertação, em 1985.

Relatos da imprensa em 25 de julho de 1970 contavam que Médici dava ao povo a maior festa já vivida em Brasília. Referência ao presidente da República, o general Emílio Garrastazu Médici na recepção ao elenco da Seleção no Palácio do Planalto. Quatro dias antes, o Brasil havia goleado a Itália por 4 x 1, no Estádio Azteca, na Cidade do México. O tricampeonato na Copa do Mundo garantiu a posse definitiva da Jules Rimet, como era chamada a o troféu entregue pela Fifa à época.

Matérias detalhavam que "a multidão irrompeu em calorosos aplausos e vivas, em meio ao espocar de foguetes. (...)". Os atletas receberam do governo Caderneira de Poupança no valor de 5 mil cruzeiros e um prêmio da Loteria Esportiva no valor de 25 mil".

A Seleção de 1970 é considerada a melhor de todos os tempos, porém a caminhada até o tri teve bastidores pesados. O comunista João Saldanha havia assumido a prancheta em 1969. A ideologia e o comportamento incomodavam. O treinador caiu e deu lugar a Mário Jorge Lobo Zagallo. Há versões conflitantes sobre a queda. Uma dá conta de que Médici exigiu a convocação de Dada Maravilha. Outra conta que Saldanha estava em pé-de-guerra com Pelé, inclusive questionando a visão do Rei. Embalado por um timaço, pela canção *Pra frente, Brasil*, de Miguel Gustavo, vencedor de um concurso; a propaganda do governo liderada pelo coronel Otávio Costa e até um chefe de delegação militar — o major-brigadeiro Jerônimo Bastos —, o Brasil trouxe o caneco.

Jerônimo Bastos tinha como braço direito: Roberto Câmara Lima Ypiranga de Guarany. Este nome consta na lista dos torturadores do regime militar. No dia da conquista do tri, o presidente Médice publicou nota oficial: "Desejo que todos vejam, no presidente da república, um brasileiro igual a todos os brasileiros". Torcedores o carregaram. Quando o puseram no solo, Médici pegou uma bola dos netos e começou a mostrar habilidade. Fez embaixadas e deu calcanhar estimulado por fãs que diziam: "Se o Zagallo soubesse, hein".

A catarse do tri, o lançamento do Brasileirão, em 1971, a entrega de uma placa para Ernesto Geisel no Maracanã, em 1976, em um amistoso entre Brasil e Flamengo, e o inchaço progressivo da Série A para atender aos interesses da Aliança Renovadora Nacional (Arena) no "onde a Arena vai mal, um time no Nacional", com

Arquivo CB/CB/D.A Press



Carlos Alberto Torres (E) corta bolo com o presidente Médici na recepção do regime militar à Seleção do tri

"Era tortura. Se a mão baixava, um meganha com o fal (espingarda) me tocava as costas. Falavam que eu não jogava porra nenhuma e participava de uma célula de esquerda"

Nando, irmão de Zico

recorde 94 clubes na elite em 1979, são as partes visíveis do sistema.

O que ninguém via

A festa era a parte visível. Nos bastidores, jogadores de futebol reacionários eram torturados. Irmão de Zico, Fernando Antunes Coimbra, o Nando, espiava a vida em 1963. Tinha 18 anos. Decidiu ser voluntário do Plano Nacional de Alfabetização, uma campanha por vários

movimentos sociais e religiosos vinculados à igreja católica. O projeto alfabetizou 5 milhões de brasileiros em dois anos até ser encerrado pelo golpe de 1964. Nando entrou na lista dos subversivos.

Formando nas divisões de base do Fluminense, Nando virou pessoa non grata no próprio tricolor com a troca de técnico por um capitão do Exército. A ficha dele chegou a Portugal. A ditadura de Salazar abreviou a passagem pelo

Belenenses e respingava na família. Zico ficou fora da convocação para os Jogos Olímpicos de Munique-1972. Suspeita-se de que Edu não tenha ido à Copa de 1970 por causa dele.

"Tinha 22 anos e cheguei dois caras de terno, sabendo tudo da minha vida. Fiquei desesperado, chorei um monte e consegui voltar para o Brasil", conta Nando. Em agosto de 1970, ele foi preso por agentes do Dops, na casa da prima Cecília Coimbra, hoje presidente do grupo Tortura Nunca Mais, do Rio. Levado para o Doi-Codi, na Tijuca, ficou quatro dias detido.

O relato de Nando é assustador. "Era uma tortura. Se a mão baixava, um meganha com o fal (espingarda) me tocava pelas costas. Me falavam um monte. Que eu não jogava porra nenhuma e que participava de uma célula de

Arquivo CB/D.A Press



O presidente-general Médici ergue a Jules Rimet no Palácio do Planalto

Arquivo CB/D.A Press



Resenha entre Pelé, Jorge Cury, Médici e Calos Alberto na festa do tri

Arquivo CB/D.A Press



Médici recebe o Atlético-MG, no Peleão, em Brasília, no amistoso de 10 anos da capital

Arquivo CB/D.A Press



Médici também recebeu o time do coração, Grêmio, na duelo de 20 de abril de 1970, no Peleão

esquerda. Ridículo, viajaram na maionese", ironiza Nando.

Ele tornou-se o primeiro jogador de futebol indenizado pela Comissão de Anistia. Passou a receber prestação mensal de R\$ 2 mil e retroativo de R\$ 323 mi. A conselheira Sueli Bellato atestou à época. "Começamos a descobrir a repercussão da ditadura nos esportes e identificamos os prejuízos causados", justificou à época da revisão.

Nando não foi o único perseguido. Ídolo do Galo, Reinaldo celebrava gol com o punho erguido e incomodava. "Era um gesto revolucionário. Eu usava o futebol como tribuna, e sabia que os militares não podiam me agredir porque seria um tiro no pé", conta no livro *Futebol à Esquerda*, de Quique Peinado. Um dia, ele sofreu tortura psicológica. Na recepção à Seleção

antes do embarque para a Copa de 1978, ele foi levado à sala do presidente Ernesto Geisel e ouviu: Filho, dedique-se a jogar futebol. A política você pode deixar para nós". Reinaldo festejou o gol contra a Suécia na estreia do Brasil com punho erguido.

Alfonsinho era considerado "comunista de carteirinha" nas fichas dos serviços de informação. Usava cabelo comprido, barba e estudava medicina — como o doutor Sócrates, um dos líderes da Democracia Corinthiana e do movimento Diretas Já contra os tempos de chumbo. Intelectual, incomodava os ditadores, entre outros motivos, por citar versos do poeta, dramaturgo e então esquerdistas Ferreira Gullar. "Não vejo sentido na vida se não lutarmos juntos por um mundo melhor". Pressionado pelo regime, o Botafogo o cedeu ao Olaria.